

O PROBLEMA DAS TRADUÇÕES BARROCAS — EL BUSCÓN DE QUEVEDO

PHILIPPE HUMBLÉ (LLE-UFSC)

Francisco de Quevedo foi diplomata, viveu a sua vida toda à sombra dos reis espanhóis e dedicou-se à redação - entre outras - de obras ascéticas e traduções de filósofos estoicos. No entanto, uma de suas obras primas caracteriza-se pela fala franca, "rica" em passagens escatológicas e à beira da pornografia. Com efeito, a Historia del Buscón prova, pelo

seu lugar no panorama das letras espanholas que os espanhóis não são nada santos. Nessa sua história, o 'buscón' conta em primeira pessoa suas aventuras desde a escola até o momento em que ele se prepara para embarcar para as Índias, lugar onde ele chegaria à conclusão que 'nunca mejora su estado quien muda solamente de lugar, y no de vida y costumbres.' Até ele chegar a

Fragmentos; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 298-301, Jan./Jun. 1986

essa conclusão, o 'gatuno' - como é chamado na tradução brasileira - caminha pelas estradas da Espanha do Século de Ouro, visita a universidade e a corte, tudo num intento desesperado de poder viver sem trabalhar. O Gatuno, não obstante, não é uma obra moralizadora e sim uma sátira, um jogo de (muitas) palavras. Ao nível da linguagem não há dúvida de que se trata de uma obra importante, que já foi comparada com Rabelais e, talvez com algum exagero, com Joyce.

Para o tradutor, uma obra deste porte e com estas características traz vários problemas. A língua do Século de Ouro espanhol não é fácil de entender. Algumas palavras não existem mais - e isso é o de menos - outras mudaram de significado ou de registro. Um consolo: dispomos de um dicionário contemporâneo excelente, o de Covarrubias de 1611. Além

disso, tanto os conceptistas como Quevedo quanto os inimigos culteranistas estavam de acordo em que o escritor tinha que cuidar a língua, o que levava a construções sintáticas difíceis de decifrar. Se em qualquer obra literária a exata compreensão do texto é desejável, quanto mais num texto literário que é um longo jogo de palavras. Depois o texto tem, para o hispanofalante, essa característica suplementar que é essa língua arcaica que dá à leitura o charme adicional da pátina. Essa patina compensa o que a obra pode ter perdido pelo desgaste dos anos. A pergunta se o tradutor deveria tentar traduzir uma obra do século XVII na língua desse mesmo século é uma pergunta legítima se partimos do pressuposto que o texto traduzido deve aproximar-se o mais perto possível do original.

Na nossa opinião, a tra-

dutora Eliane Zagury deu uma solução plausível a esses problemas. Ela traduziu num português do século XX, compreensível, mas sem cair na tentação de 'corrigir' Quevedo ou de torná-lo mais 'popular'.

São algumas vezes tivemos a impressão da tradutora ter cedido a esta tentação. (Na p. 64, por exemplo, ela traduziu a palavra 'ropilla', um tipo de vestido curto antigo, pelo muito comum 'casaco'; 'guijarro' traduz-se por 'pedra' e não por 'seixo' o que talvez seria mais exato.) Foi interessante, não obstante, ler alternadamente a tradução e o original. É surpreendente a identidade de tom entre as duas versões, algo difícil de se conseguir.

Geralmente, Eliane Zagury segue fielmente o texto original, sem descartar soluções originais onde estas se fizeram necessárias. Nas cinco páginas que comparamos com

mais atenção (p.60-65) achamos um exemplo, discutível mas defensável: "Somos gente que comemos un puerro y representamos un capón" foi traduzido por "Somos gente que come melancia e arrota melão" (p.63).

Menos defensável nos parecem as traduções de "entretuvieron" por "enterneceram" e "en celo" por "com ciúme". Trata-se, no entanto, de descuidos, sem dúvida, ocasionais.

De uma maneira geral, o acervo de obras primas mundiais acessíveis ao leitor brasileiro enriqueceu-se com uma tradução à altura do original. Acrescentemos que O Gatuno é precedido de uma excelente introdução, na qual a tradutora não se limita a situar a obra e o autor, mas ainda esclarece, de uma maneira científica e sem ser chata, alguns aspectos de seu trabalho. Trata-se, portanto,

de um trabalho difícil execu
tado de uma maneira exemplar.